



REVISTA  
DE  
**CULTURA  
VISUAL**

e-ISSN 2184-1284

**N.º 17 | 2026**

## **Caminhar em Conjunto: Fotocaminhadas Sensoriais/ Reflexivas com Migrantes Latino-Americanos no Japão**

Walking Together: Sense/Thinking Photowalks  
With Latin American Migrants in Japan

<https://doi.org/10.21814/vista.7171>

e026004

Marita Ibañez Sandoval



© Autores

---

# CAMINHAR EM CONJUNTO: FOTOCAMINHADAS SENSORIAIS/ REFLEXIVAS COM MIGRANTES LATINO-AMERICANOS NO JAPÃO

**Marita Ibañez Sandoval**

Institute of Art and Design, University of Tsukuba, Tsukuba, Japão

---

## RESUMO

Este artigo examina como fotocaminhadas coletivas com migrantes latino-americanos em Jōsō, no Japão, promovem modos multissensoriais e relacionais de percepção do ambiente urbano-rural. A percepção sensível é vista como integrada, situada e fortemente ligada às histórias e práticas quotidianas dos migrantes. A análise não se limita às imagens fotográficas, focando-se nos processos perceptivos, conversacionais e afetivos que surgem durante as caminhadas coletivas, que incluem a negociação de percursos, as pausas junto a sinalética multilingue, a observação das texturas das montras, a partilha de memórias e as observações sobre as atmosferas sazonais. O estudo assenta numa metodologia visual orientada pela prática, desenvolvida a partir de trabalho de campo extensivo e na colaboração contínua com comunidades migrantes latino-americanas em Jōsō. Entre 2021 e 2023, foram realizadas fotocaminhadas individuais e coletivas com migrantes provenientes do Brasil, Peru, México, Equador e Paraguai. A adoção da fotografia analógica desacelerou o processo de produção de imagens, acentuando a atenção, os ritmos incorporados e as temporalidades da espera. O ato de caminhar funcionou como um espaço de percepção partilhada, permitindo aos participantes mobilizar repertórios linguísticos, culturais e sensoriais diversos, que reconfiguraram as interpretações e as discussões da paisagem. Sustenta-se que as fotocaminhadas coletivas promovem modos situados e cocriados de perceber o lugar. Estas práticas evidenciam como as comunidades migrantes habitam, negociam e reinterpretam as paisagens japonesas através de encontros multissensoriais que ultrapassam a representação visual.

## PALAVRAS-CHAVE

fotocaminhadas, sensibilidade multissensorial, migrantes latino-americanos, métodos visuais participativos, paisagem

---

# WALKING TOGETHER: SENSE/THINKING PHOTOWALKS WITH LATIN AMERICAN MIGRANTS IN JAPAN

## ABSTRACT

This article investigates how collective photowalks with Latin American migrants in Jōsō, Japan, activate multisensory and relational modes of perceiving the urban-rural environment. Sensibility is conceptualized as embodied, situated, and deeply intertwined with the histories and everyday practices of migrants. Rather than centering exclusively on photographic images, the analysis focuses on the perceptual, conversational, and affective processes that emerge during group walks, such as negotiating routes, pausing at multilingual signs, observing storefront textures, sharing memories, and commenting on seasonal atmospheres. This study is grounded in a practice-led visual methodology developed through extensive fieldwork and ongoing collaboration with Latin American migrant communities in Jōsō. From 2021 to 2023, both solo and collective photowalks were conducted with migrants from Brazil, Peru, Mexico, Ecuador, and Paraguay. The adoption of analog photography decelerated the image-making process, emphasizing attentiveness, embodied rhythms, and the temporalities of waiting. Walking functioned as a site of shared perception, supporting participants to contribute diverse linguistic, cultural, and sensory repertoires that reshaped interpretations and discussions of the landscape. The article contends

that collective photowalks foster situated, co-created modes of perceiving place. These practices demonstrate how migrant communities inhabit, negotiate, and reinterpret Japanese landscapes through multisensory encounters that extend beyond visual representation.

#### KEYWORDS

photowalks, multisensory sensibility, Latin American migrants, participatory visual methods, landscape

#### INTRODUÇÃO

Em Mitsukaidō, um distrito da cidade de Jōsō, na província de Ibaraki, no Japão, a parede de um edifício comercial exibe um letreiro (Figura 1). O letreiro, assinado pela Total Staff Corporation, anuncia em português e japonês — “TEMOS EMPREGO! 仕事があります!”. O contacto com a língua portuguesa neste contexto, distante dos principais centros urbanos do Japão, suscita imediatamente questões. A presença de sinalética multilingue no Japão inclui habitualmente inglês e, ocasionalmente, mandarim; em zonas rurais ou industriais, afastadas de grandes cidades como Tóquio ou Osaka, tal ocorrência é rara. Nestes locais, a língua portuguesa sinaliza uma presença diferenciada. A quem se destina esta promessa de emprego? Por que razão está o letreiro em português e o que revela a sua presença sobre a paisagem social da área de Mitsukaidō?



**Figura 1.** Anúncio de emprego bilingue, TEMOS EMPREGO! 仕事があります!, dirigido à comunidade brasileira pela Total Staff Corporation. O letreiro apresenta as cores da “verde e amarela”, a bandeira do Brasil. A imagem regista a presença pública da língua portuguesa e o seu papel na intermediação laboral. A recorrência deste tipo de sinalética por toda a cidade evidencia processos de adaptação e ancoragem económica

Créditos. Marita Ibañez Sandoval, 2024

Atualmente, Jōsō combina agricultura e indústria numa área de 123,64 km<sup>2</sup>, com aproximadamente metade do território dedicado à agricultura. Em 2024, a cidade tinha uma população estimada de 59.329 habitantes, distribuídos por 23.244 agregados familiares, dos quais 10,66% eram estrangeiros (Ibaraki Prefecture Government, 2023, 2024; Jōsō City, 2024). Tal como outras regiões do Japão, a cidade enfrenta desafios demográficos, incluindo envelhecimento populacional e a migração de jovens em busca de oportunidades em centros urbanos maiores (Fondevilla, 2012).

Dentro desta composição demográfica, os migrantes latino-americanos — sobretudo de origem brasileira e peruana — constituem uma das comunidades mais relevantes e visíveis. Os latino-americanos representam 40% da população migrante de Jōsō, muitos descendentes de emigrantes japoneses e integrados na mão de obra temporária contemporânea, também denominada *dekassegui* (trabalhadores fora de casa; Matsumoto & Okumura, 2019; Tsuda, 2004). A sua presença concentra-se sobretudo em Mitsukaidō, onde negócios, mercados e publicidade se dirigem explicitamente a públicos brasileiros e latino-americanos em geral. Esta comunidade contribui para o tecido cultural da cidade através de sinalética multilingue, estética comercial, centros religiosos, práticas alimentares e interações quotidianas (Gambaro & Hoshino, 2024). Embora profundamente incorporadas no ambiente construído e na vida social de Jōsō, estas contribuições permanecem frequentemente fora do discurso público dominante.

Compreender a presença de migrantes latino-americanos em Jōsō exige também uma perspetiva histórica mais abrangente sobre a migração entre o Japão e países da América Latina, particularmente o Brasil e o Peru. Estas relações estendem-se desde a primeira vaga de migração japonesa, após a abertura do Japão no final do século XIX, até ao fenómeno *dekassegui* na América do Sul, iniciado em meados da década de 1890 (Ocada, 2003; Shintani, 2008). O Japão e o Peru estabeleceram relações diplomáticas durante a era Meiji — o primeiro contacto oficial japonês com um país latino-americano (Goto, 2007). Entre o final do século XIX e início do século XX, o Japão enfrentava uma crise demográfica, enquanto o Brasil e o Peru procuravam mão de obra para as suas economias agrícolas (Takenaka, 2004). A migração japonesa formal para o Peru e para o Brasil teve início em 1899 e 1908, respetivamente (Adachi, 2007), gerando ciclos de transculturação refletidos visualmente em documentos como vistos de entrada, selos comemorativos e práticas fotográficas híbridas.

Esta pesquisa visual analisa de que forma os migrantes latino-americanos no Japão influenciam e são influenciados pela paisagem urbano-rural do país. Com foco na expressão dinâmica da identidade migrante, nos processos de integração e nas interações com a comunicação visual da cidade, o estudo apoia-se na filosofia da migração de Vilém Flusser (1994/2003). Os migrantes são concetualizados como janelas que permitem aos locais perceber o ambiente sob uma perspetiva diferente e como espelhos que refletem identidades locais transformadas. Os métodos visuais participativos constituem a base desta investigação. Fotocaminhadas coletivas e individuais com a comunidade latino-americana de Jōsō revelam processos de negociação identitária, interação com a paisagem e construção do sentido de casa.

Os resultados apresentados surgiram de uma série de fotocaminhadas realizadas com migrantes latino-americanos em Jōsō entre 2021 e 2023. Os percursos foram repetidos e diversificados ao longo do tempo, seguidos de sessões de fotoelicitação, nas quais os participantes refletiram sobre as suas experiências de migração e discutiram as imagens produzidas. Estas atividades servem de base para a análise temática da identidade, adaptação e transformação na paisagem em evolução de Jōsō.

Contribuindo para o debate em cultura visual e metodologias visuais participativas, este artigo analisa a fotocaminhada como prática sensorial, relacional e cocriada, situada em paisagens migrantes. Abordando a fotocaminhada como prática incorporada que mobiliza memória, afeto e negociação espacial, em vez de tratar a fotografia apenas como ferramenta de representação, evidencia como os participantes constroem coletivamente sentido sobre o seu ambiente através de caminhadas, conversas e produção de imagens.

As práticas fotográficas participativas funcionam neste estudo como contra-arquivos, desafiando regimes dominantes de visibilidade. No contexto da migração latino-americana em áreas periurbanas do Japão, a fotocaminhada torna-se um método para articular visualidades híbridas, epistemologias vernaculares e formas situadas de pertença que resistem a narrativas homogêneas sobre migração e paisagem.

O estudo está estruturado da seguinte forma: situa primeiro a fotocaminhada nas tradições da investigação visual e participativa; apresenta, em seguida, o contexto empírico e metodológico; analisa como os participantes interagem com a paisagem através da fotografia e do movimento; e, por fim, reflete sobre as implicações metodológicas e epistemológicas da fotocaminhada como prática de construção de sentido sensorial e coletivo.

### **SENTIPENSAR A PAISAGEM**

Os métodos visuais participativos evidenciam a compreensão das experiências sociais e dos pontos de vista por meio da colaboração ativa entre participantes e investigadores na produção de materiais visuais (Chalfen, 2011). Inseridos no movimento de investigação-ação participativa, iniciado na década de 1970 pelo sociólogo colombiano Fals Borda, estas abordagens procuram articular conhecimento comunitário e académico num processo partilhado de investigação (Rappaport, 2020).

Fals Borda (2015) define *sentipensar* como um termo das culturas ribeirinhas do Caribe colombiano, que descreve indivíduos capazes de unir razão e emoção para enfrentar a vida com uma sensibilidade integral, orientada pela capacidade de dizer a verdade. *Sentipensar* denota uma forma de conhecimento relacional, emocional e reflexiva, fundamentada na experiência popular (Ibarra, 2020). Ser *sentipensante* significa “pensar com o coração e sentir com a cabeça” (Carvajal Medina et al., 2022, p. 604), integrando mente e coração, mantendo-se aberto à transformação proporcionada pelo mundo.

Arturo Escobar (2020) amplia esta ideia, descrevendo o *sentipensar* como um modo de conhecimento aprendido junto das mesmas comunidades ribeirinhas, em que razão e emoção se entrelaçam como forma de relação com os territórios. Baseando-se no *sentipensamiento* popularizado por Fals Borda, Escobar (2020) propõe uma prática incorporada, afetiva e situada, que reconhece a agência dos mundos que habitamos e

convida-nos a *sentipensar* com os territórios, culturas e saberes dos povos, em vez de depender de categorias de desenvolvimento descontextualizadas.

Caro Bernal (2020) demonstra como esta orientação informa a investigação-ação participativa, destacando a importância de integrar emoções, percepções e experiências sensoriais vividas nos processos coletivos de diagnóstico e planeamento do espaço público. Sob esta perspetiva, os métodos participativos assentam na premissa de que compreender um lugar requer sentir e pensar coletivamente, através dos quais propostas de ação podem emergir de dentro da própria comunidade.

Pink (2011) argumenta analogamente que a percepção multissensorial é incorporada, situada e relacional, exigindo abordagens de investigação que promovam o sentir, o movimento e a interpretação coletivos. Estas perspetivas multissensoriais ampliam os métodos participativos, ao reconhecer formas corporais, afetivas e atmosféricas de conhecimento, permitindo copercepção e cocriação durante o trabalho de campo.

### FOTOCAMINHAR EM CONJUNTO

Jōsō é constituída por distritos urbanos, rurais e industriais, interligados pela Estrada 294, um corredor que revela formas sobrepostas de vida social e cultural. A comunidade latino-americana torna-se visível ao longo deste percurso através de sinéctica multilingue em português, espanhol, japonês e inglês, bem como pela estética comercial que combina influências de diversas culturas (Ibañez Sandoval, 2024). O ato de caminhar desempenha um papel central na forma como migrantes e investigadores percecionam Jōsō. As sensações experienciadas durante o movimento — ritmo, pausas, cansaço, tradução, atenção ou condições meteorológicas — moldam a compreensão dos lugares (Rae et al., 2017). Para os migrantes, elementos sensoriais como aromas provenientes de padarias ou mercados brasileiros, a quietude das ruas suburbanas, o calor irradiado pelo alcatrão ou as texturas das fachadas informam como a pertença é coletivamente experienciada e negociada.

Os métodos visuais integram fotografia, vídeo e outros média na investigação para registar interações sociais, comportamentos e ambientes de formas que as palavras, isoladamente, não conseguem capturar (Glaw et al., 2017; Pink, 2007a). Estes métodos envolvem os participantes ao longo de todo o processo de investigação e geram materiais que estimulam a discussão e aprofundam a interpretação. Nas ciências sociais, os métodos visuais agrupam-se frequentemente em três abordagens: estudar a vida social através da produção de imagens, analisar representações visuais pré-existentes e envolver os atores sociais na criação das suas próprias imagens (Banks, 2001). Ao privilegiar as manifestações visuais, estas abordagens contribuem para reduzir barreiras culturais e linguísticas e para iluminar as perspetivas subjetivas dos participantes (Glaw et al., 2017; Pink, 2007a).

Em Jōsō, este projeto aplicou uma metodologia visual centrada em fotocaminhadas, refotografia, arquivo fotográfico e fotomontagem para examinar a pegada migratória e os seus efeitos na paisagem urbano-rural. As fotocaminhadas, em particular, têm sido utilizadas em estudos sobre comunidades migrantes e paisagem (Mainsah & Sanchez

Boe, 2019) e são centrais para compreender o movimento, a percepção e a relação com o lugar. Combinam a caminhada como modo primário de envolvimento com o ambiente (Rae et al., 2017) com análise reflexiva das imagens produzidas (Amato et al., 2022). Este método móvel integra movimento, cognição e consciência incorporada, apoiando um envolvimento profundo com as atmosferas urbanas (Pyyry, 2016).

A refotografia — a repetição de imagens anteriores — permite isolar a mudança temporal, ao reproduzir enquadramentos, instrumentos e condições atmosféricas (Harper, 2012; McLeod, 2019). O método foto-voz convida as comunidades a identificar e representar as suas próprias experiências através da fotografia (Liebenberg, 2018; Wang & Burris, 1997). Neste projeto, a fotomontagem assume-se como um gesto material e interpretativo: cortar, organizar e recombinar fragmentos espelha as formas como a migração reconfigura a continuidade e o sentido de pertença (Napolitano, 2015).

O termo “fotomédia” inclui câmaras, filmes, vídeo, televisão, ecrãs de telemóvel, computadores e fotocopiadoras — todos assentes na constante da luz (McKenzie, 2014). A fotomediação (Kuc & Zylinska, 2016) destaca o dinamismo da fotografia contemporânea e o seu entrelaçamento com outros média e práticas quotidianas. Estas ferramentas apoiaram a criação de um arquivo visual sobre a migração em Jōsō.

#### DA *DÉRIVE* À FOTOCAMINHADA

Estas conceções inscrevem-se nas práticas situacionistas — em particular a *dérive* (deriva) de Debord (1956), uma caminhada experimental, sem percurso definido, concebida para explorar e transformar o espaço urbano, resistindo à passividade do espetáculo (Sadler, 1998). A *dérive* produz perspetivas psicogeográficas sobre como os ambientes moldam emoções e comportamentos, oferecendo uma posição crítica face ao planeamento urbano racional (Middleton, 2011). As fotocaminhadas inspiram-se, por vezes, nesta procura de espontaneidade e de atenção sensível, valorizando o particular no quotidiano e tornando o familiar estranho (Pyyry, 2016, 2018). Têm sido utilizadas para documentar espaços habitados e interações (González Granados, 2011), sendo adotadas em áreas como o planeamento urbano, a geografia, a análise social e a etnografia (Dobińska & Cieślukowska-Ryczko, 2020; Itou et al., 2016; Latham, 2003). Caminhar com uma câmara permite registar de que modo os participantes experienciam o seu ambiente (Pink, 2007b).

As fotocaminhadas têm também sido estudadas como padrões socioespaciais para além de contextos participativos. Becker et al. (2015) demonstram que caminhar enquanto se fotografa produz “percursos fotográficos urbanos” reconhecíveis, evidenciando como os indivíduos navegam e interpretam visualmente as cidades através de padrões recorrentes de atenção e movimento. Em contextos participativos e educativos, as fotocaminhadas têm sido definidas como uma “metodologia baseada nas artes que envolve a captação e a reflexão sobre fotografias ao longo do percurso de caminhada” (Amato et al., 2022, p. 1493), permitindo aos participantes observar os recursos comunitários, questionar de que modo os dados representam as realidades dos bairros e interpretar questões sociais. Estas práticas promovem observação aprofundada, reconhecimento de padrões, comparação e raciocínio contextual (Amato et al., 2022).

As reflexões de Flusser situam a construção de sentido como uma necessidade criativa em contextos de deslocação. O autor sustenta que os seres humanos são “engolidos pelas ondas do exílio” a menos que transformem informação em significado — “um sinónimo de criação” (Flusser, 2002a, p. 104). Tal transformação emerge da negociação entre diálogos internos e externos: “se estes diálogos ‘externos’ e ‘internos’ forem harmonizados entre si, transformam-se criativamente” (Flusser, 2002a, p. 108). Os gestos de fotomontagem — cortar, organizar e recompor — podem, assim, ser interpretados como atos de construção criativa de sentido (Falbel et al., 2023; Flusser, 1991/2014; Stern & Falbel, 2023). O conceito de “aparelho fotográfico”, de Flusser (1983), sublinha que as câmaras programam determinados gestos, exigindo dos utilizadores uma atuação consciente entre constrangimentos, de modo a “jogar contra” o sistema. A própria migração desestabiliza e recompõe redes de pertença (Flusser, 2002b, 1994/2003; Paulo, 2006), e a fotomontagem reflete este processo de reconstrução. Esta constelação metodológica articula-se com a “descrição densa” de Geertz (2008) e a “fotografia densa” de Deger (2016), situando a produção de imagens em processos culturais, materiais e afetivos.

#### DEZ FOTOCAMINHADAS (2021–2023)

Entre 2021 e 2023, o projeto no qual se baseia este trabalho realizou 10 fotocaminhadas em Jōsō — quatro individuais e seis coletivas. As caminhadas individuais documentaram sinalética multilingue, mercados, edifícios públicos e variações meteorológicas, como neve, sombras de inverno e tardes húmidas de verão. A repetição de percursos produziu memória sensorial através da atenção e do regresso aos mesmos locais, revelando a caminhada como uma prática incorporada e perceptiva (Pyyry, 2016).

A primeira fotocaminhada coletiva, em julho de 2022, marcou uma transição para uma prática partilhada. Um grupo de cinco participantes brasileiros percorreu um trajeto negociado coletivamente, ajustado ao longo do percurso em função do calor, da curiosidade e da familiaridade com o espaço. As conversas — que comparavam sinalética, texturas de montras, cheiros de comida e rotinas quotidianas — evoluíram para aquilo que Rae et al. (2017) descrevem como um contexto onde a perceção se torna um processo relacional. A fotografia analógica introduziu uma desaceleração — “um tempo para pensar, parar e respirar” — que moldou o método. Os participantes destacaram a atenção plena promovida pelas câmaras analógicas e contrastaram “câmaras a sério” com câmaras descartáveis, que podem implicar um envolvimento mais superficial (Ewald & Lightfoot, 2001). A revelação e digitalização das imagens tiveram lugar no laboratório fotográfico da Universidade de Tsukuba.

As fotocaminhadas subsequentes envolveram grupos hispanófonos e famílias, incluindo uma sessão realizada sob condições de tufão. O envolvimento sensorial variou em função da humidade, do vento, do sol, das sombras ou da luz ao entardecer. Os participantes comentaram cheiros, paisagens sonoras, legibilidade da sinalética e diferenças nas estéticas comerciais; muitas destas impressões não foram fotografadas, mas passaram a integrar um arquivo sensorial coletivo.

O recrutamento foi realizado através de um cartaz em espanhol e português a divulgar três oficinas de fotografia analógica, distribuído no mercado brasileiro, na TK Store e em grupos locais de Facebook. Houve preferência pelas sessões ao domingo. As caminhadas coletivas reuniram migrantes do Brasil, Peru, México, Equador e Paraguai. As fotocaminhadas individuais permitiram uma exploração mais introspetiva, enquanto as caminhadas em grupo favoreceram a troca cultural, a tomada de decisões colaborativa e a observação partilhada. Já as condições meteorológicas, o momento do dia e a dinâmica do grupo moldaram cada experiência, sendo os percursos adaptados às preferências dos participantes, reforçando a agência e a cocriação. A paisagem de Jōsō — urbana, rural e industrial — foi percorrida repetidamente, tendo a Estrada 294 funcionado como eixo de ligação entre mercados, carrinhas de comida, parques e espaços comunitários.

A Figura 2 reúne três fotografias a preto e branco produzidas por participantes em diferentes dias e percursos em Mitsukaidō. As imagens registam gestos fotográficos, conversas e movimentos coletivos durante as oficinas. Entrevistas realizadas posteriormente sugerem que estas cenas de grupo captam uma experiência exploratória partilhada de caminhar lado a lado no Japão, fixando uma memória de exploração conjunta que contrasta com rotinas quotidianas mais isoladas. Os participantes associaram frequentemente, por exemplo, elementos da paisagem a memórias dos seus países de origem. Como referiu o participante J23IK (comunicação pessoal, 8 de agosto de 2023): “comecei a procurar estruturas que me transportassem para a América Latina... quando encontrei o cato, disse ‘uau’, porque me remeteu imediatamente para esses espaços”.



**Figura 2.** Três fotografias captadas por participantes durante diferentes fotocaminhadas e em distintos locais de Mitsukaidō, Jōsō

Créditos. Participantes J22DJ e J22CR, 2023

## FOTOCAMINHADAS COLETIVAS MULTISSENSORIAIS

As fotocaminhadas coletivas em Jōsō destacam modos multissensoriais e relacionais de perceber a paisagem urbano-rural. Os participantes pausavam frequentemente diante de letreiros multilíngues, traduzindo, comparando vocabulário e discutindo a legibilidade. Estas pausas conduziam muitas vezes a reflexões mais abrangentes sobre a cidade e sobre a relação dos participantes com o entorno. As entrevistas sugerem que tais momentos condensavam uma experiência exploratória partilhada da cidade. Como referiu o participante J23IK (comunicação pessoal, 8 de agosto de 2023): “gostei muito de poder caminhar... ‘vamos conhecer algumas das ruazinhas da nossa pequena cidade’ ( ... ) foi um convite para conhecer o meu espaço”. Os participantes descreveram também como caminhar em conjunto alterava a percepção do ambiente. Como notou S03KA (comunicação pessoal, 13 de setembro de 2023): “no Japão, sinto que as ruas são muito monótonas... faltam-lhes cores... o grafite pode ser muito bonito na rua”. As condições meteorológicas estruturavam ainda o desenrolar das caminhadas: mover-se sob calor intenso, fazer pausas durante a chuva, sentir a humidade sob ventos de tufão ou reparar na extensão das sombras sobre o asfalto alterava o ritmo corporal e a atenção. Estas condições atmosféricas estavam indissociavelmente ligadas à memória e à familiaridade, revelando como o envolvimento sensorial se entrelaça com as experiências vividas da migração.

Os participantes examinaram também estéticas híbridas de montras, como as do Salon de Tiara e do Sexto Sentido, observando paletas de cores, tipografia, texturas e referências interculturais. Estas observações suscitaram comparações com paisagens de origem — São Paulo, Lima, Quito, Ciudad del Este —, evidenciando diferenças em níveis de ruído, visibilidade da sinalética, disposição comercial e ritmo de caminhada. Estas fricções moldaram a forma como as paisagens eram sentidas e interpretadas, demonstrando como a comparação sensorial se torna um modo de orientação migratória.

Ao longo das caminhadas emergiram diversos processos recorrentes, orientados pela prática mais do que por estruturas formais. O clima, o ritmo corporal, a fadiga e a negociação das passeiras ativavam a percepção incorporada; a conversa multilíngue e a atenção colaborativa moldavam a interpretação partilhada (Rae et al., 2017); e o uso de câmaras analógicas introduzia uma lentidão particular — *un tiempo para pensar, detenerse y respirar* (um tempo para pensar, parar e respirar) — que incentivava a atenção e uma observação ritmada. O movimento coletivo no espaço público criou comunidades temporárias de percepção, alinhando-se com o argumento de Pyyry (2016) de que caminhar em conjunto produz formas relacionais e situadas de sensorialidade.

### PARA LÁ DO FOTOGRAFADO

A caminhada revelou como a presença dos migrantes é sentida, e não apenas vista. Atmosferas, pausas, odores, texturas, paisagens sonoras e momentos de reconhecimento mútuo integraram o tecido experiencial das fotocaminhadas. Muitas impressões nunca foram fotografadas, mas acumularam-se como um arquivo sensorial partilhado, construído através da conversa e da observação. A fotografia funcionou simultaneamente como documentação e como meio dialógico, permitindo que comunidades latino-americanas *dekassegui* refletissem sobre a sua relação com a paisagem urbano-rural japonesa.

O arquivo fotográfico coletivo produzido nestas caminhadas sublinha a importância dos métodos visuais participativos. A fotografia estabelece pontes entre culturas e comunidades, evoca memórias, cria ligações e torna visíveis as dimensões ambientais da migração. Revela processos de transculturação visual e a construção de espaços partilhados de memória, demonstrando como a fotografia excede a sua função documental ao preservar narrativas inclusivas que complementam os registos oficiais (Derrida, 1995/1996; Pinheiro, 2018). As imagens geradas durante as fotocaminhadas contribuem para a criação e preservação da memória individual e coletiva, documentando de que forma as comunidades *dekassegui* influenciam e habitam a paisagem periurbana de Jōsō. Fornecem material para futuras investigações e funcionam como registos intergeracionais de presença, pertença e transformação (Zylinska, 2010).

Os métodos visuais participativos — em particular fotocaminhadas e fotoelicitação — revelaram-se eficazes na promoção da comunicação horizontal, no fortalecimento de laços comunitários e no apoio à construção coletiva de significado. Estes métodos criaram espaços onde os participantes articularam experiências vividas, negociaram significados culturais e refletiram coletivamente sobre os seus ambientes. Em vez de tratar as fotografias como resultados visuais isolados, as próprias caminhadas destacaram atmosferas, fadiga, condições meteorológicas, texturas de montras e negociação multilingue como elementos integrantes da experiência urbana. Caminhar em conjunto formou comunidades temporárias, mas significativas, de atenção, nas quais a percepção se tornou coletiva, relacional e situada.

Este estudo demonstra que os encontros multissensoriais moldam profundamente a forma como os migrantes compreendem e narram o lugar. Através da criação de um arquivo coletivo e de um registo sensorial vivido, as fotocaminhadas revelam como a fotografia pode interligar culturas, iluminar experiências migratórias e registar o impacto ambiental das comunidades. Os ritmos da cidade — som, cheiro, temperatura, texturas, familiaridade — tornaram-se parte de um processo partilhado de copercepção. Migrantes do Brasil, Peru, México, Equador e Paraguai registaram estes vestígios culturais enquanto caminhavam, conversavam e partilhavam impressões, estendendo a percepção para além do visual, abrangendo o território do som, da atmosfera, da memória e da comparação. Neste sentido, caminhar não é apenas um meio de produção de imagens, mas também de sensibilidade partilhada.

### **FOTOCAMINHAR COMO SENTIPENSAR**

Este estudo destaca a fotocaminhada como uma prática que opera não apenas como ferramenta de representação visual, mas também como movimento corporal, memória, afetos e diálogo. Ao caminhar e fotografar em conjunto, os participantes realizaram uma forma situada de investigação sensorial, produzindo imagens inseridas em relações sociais, negociações linguísticas e encontros afetivos com o espaço. Estas práticas inserem-se em abordagens decoloniais da visualidade, que destacam a sensibilidade como histórica e política, em vez de universal e neutra.

O trabalho apresenta, no entanto, limitações metodológicas e éticas. A participação foi moldada por barreiras linguísticas, familiaridade desigual com tecnologias fotográficas e restrições de tempo e mobilidade na vida quotidiana dos migrantes. Certos espaços e experiências permaneceram sem registo fotográfico devido a preocupações com a privacidade, fadiga ou riscos percebidos, lembrando que os métodos visuais participativos são sempre parciais e contingentes. Além disso, a circulação das imagens levanta questões éticas sobre visibilidade, consentimento e a possível reificação das identidades migrantes em contextos académicos e artísticos.

Apesar destas limitações, a fotocaminhada oferece um enquadramento produtivo para explorar a política do sensível, permitindo que os participantes cocriem narrativas visuais que desafiem representações dominantes da migração e da paisagem. À medida que as culturas visuais se expandem em plataformas digitais e corporizadas, práticas participativas como a fotocaminhada podem contribuir para epistemologias alternativas e contra-arquivos que colocam em primeiro plano a relacionalidade, o conhecimento situado e a contínua negociação do pertencimento.

### Pós-Edição de Tradução Automática: Anabela Delgado

#### REFERÊNCIAS

- Adachi, N. (2007). Racial journeys: Justice, internment, and Japanese-Peruvians in Peru, the United States, and Japan. *The Asia-Pacific Journal: Japan Focus*, 5(9), Article e6. <https://doi.org/10.1017/S1557466007021948>
- Amato, A., Silander, M., Tes, M., Vacca, R., Woods, P. J., Matuk, C., & DesPortes, K. (2022). Postcards and photo walks: Telling community data stories through photography. In C. Chinn, E. Tan, C. Chan, & Y. Kali (Eds.), *Proceedings of the 16th International Conference of the Learning Sciences — ICLS 2022* (pp. 1493–1496). International Society of the Learning Sciences.
- Banks, M. (2001). *Visual methods in social research*. SAGE.
- Becker, M., Singer, P., Lemmerich, F., Hotho, A., Helic, D., & Strohmaier, M. (2015). Photowalking the city: Comparing hypotheses about urban photo trails on Flickr. In T.-Y. Liu, C. Scollon, & W. Zhu (Eds.), *Social Informatics. SocInfo 2015* (pp. 227–244) Springer. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-27433-1\\_16](https://doi.org/10.1007/978-3-319-27433-1_16)
- Carvajal Medina, N. E., Hurtado Torres, F. Á., Lara Páez, M. Y., Ramírez Sánchez, M., Barón Gómez, H. A., Ayala Bonilla, D. A., & Coy, C. M. (2022). Entretejidos: Decolonial threads to the self, the communities, and EFL teacher education programs in Colombia. *Íkala, Revista de Lenguaje y Cultura*, 27(3), 596–626. <https://doi.org/10.17533/udea.ikala.v27n3a02>
- Caro Bernal, N. (2020). Sentipensar los parques. Modelo de gestión de involucramiento comunal con enfoque participativo. *LiminaR. Estudios Sociales y Humanísticos*, 18(2), 113–123. <https://doi.org/10.29043/liminar.v18i2.761>
- Chalfen, R. (2011). Differentiating practices of participatory visual media production. In E. Margolis & L. Pauwels (Eds.), *The SAGE handbook of visual research methods* (pp. 186–200). SAGE. <https://doi.org/10.4135/9781446268278.n10>
- Debord, G. (1956). Theory of the dérive. *Les Lèvres Nues*, (9).
- Deger, J. (2016). Thick photography. *Journal of Material Culture*, 21(1), 111–132. <https://doi.org/10.1177/1359183515623312>
- Derrida, J. (1996). *Archive fever: A Freudian impression*. University of Chicago Press. (Trabalho original publicado em 1995)

- Dobińska, G., & Cieślukowska-Ryczko, A. (2020). A photograph as material for analysis and as a creative act: Visual methods in social studies—Reflections and dilemmas. *Creativity. Theories – Research – Applications*, 7(1), 123–146. <https://doi.org/10.2478/ctra-2020-0008>
- Escobar, A. (2020). *Pluriversal politics: The real and the possible*. Duke University Press.
- Ewald, W., & Lightfoot, A. (2001). *I wanna take me a picture: Teaching photography and writing to children*. Beacon Press.
- Falbel, A., Pousin, F., & Urlberger, A. (2023). Photomontage practices: Introduction. *Les Cahiers de la Recherche Architecturale, Urbaine et Paysagère*, (18), 1–9. <https://doi.org/10.4000/craup.13028>
- Fals Borda, O. (2015). *Una sociología sentipensante para América Latina*. CLACSO.
- Flusser, V. (1983). *Towards a philosophy of photography* (A. Matthews, Trad.). Reaktion Books. (Trabalho original publicado em 1983)
- Flusser, V. (2002a). Exile and creativity (E. Eisel, Trad.). In A. Ströhl (Ed.), *Writings* (pp. 104–109). University of Minnesota Press.
- Flusser, V. (2002b). Taking up residence in homelessness (E. Eisel, Trad.). In A. Ströhl (Ed.), *Writings* (pp. 91–103). University of Minnesota Press.
- Flusser, V. (2003). *The freedom of the migrant* (K. Kronenberg, Trad.). University of Illinois Press. (Trabalho original publicado em 1994)
- Flusser, V. (2014). *Gestures* (N. A. Roth, Trad.). University of Minnesota Press. (Trabalho original publicado em 1991)
- Fondevilla, H. L. (2012). Local and contemporary: Community-based art initiatives in southern Ibaraki, Japan. *Asia Pacific Journal of Arts and Cultural Management*, 9(1), 14–23.
- Gambaro, C. M., & Hoshino, Y. (2024). Willingness to communicate in Japanese-Brazilian communities: A case study of a Japanese-Brazilian school. *Chiba University Faculty of Education Research Bulletin*, 72, 257–261. <https://doi.org/10.20776/S13482084-72-P257>
- Geertz, C. (2008). Thick description: Toward an interpretive theory of culture. In T. Oakes & P. L. Price (Eds.), *The cultural geography reader* (pp. 41–51). Routledge.
- Glaw, X., Inder, K., Kable, A., & Hazelton, M. (2017). Visual methodologies in qualitative research: Autophotography and photo elicitation applied to mental health research. *International Journal of Qualitative Methods*, 16(1), 1–12. <https://doi.org/10.1177/1609406917748215>
- González Granados, P. (2011). La fotografía participativa como medio de investigación y análisis social: Nota etnográfica sobre la experiencia con un grupo de adolescentes en el ámbito educativo. *Institut Català d'Antropologia*, 16(1–2), 147–158.
- Goto, J. (2007). *Latin Americans of Japanese origin (Nikkeijin) working in Japan: A survey*. Open Knowledge Repository. <https://hdl.handle.net/10986/7119>
- Harper, D. (2012). *Visual sociology*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203872673>
- Ibañez Sandoval, M. (2024). Collective photographic archive and migrant landscape: The Latin American dekasegi experience in peri-urban Japan. *Conexión*, (21), 133–165. <https://doi.org/10.18800/conexion.202401.005>
- Ibaraki Prefecture Government. (2023). *Population and households of Ibaraki Prefecture (estimate) – As of July 1, 2023*. <https://www.pref.ibaraki.jp/kikaku/tokei/fukyu/tokei/betsu/jjinko/getsu/jjinko2307.html>

- Ibaraki Prefecture Government. (2024). *Jōsō City demographic and economic data*. <https://www.pref.ibaraki.jp/kikaku/tokei/fukyu/tokei/sugata/local/joso.html>
- Ibarra, M. (2020). Aproximaciones a un diseño participativo sentipensante. In *Proceedings of the 16th Participatory Design Conference: Full papers/proceedings* (Vol. 3, pp. 93–103). ACM.
- Itou, J., Kuwano, Y., & Munemori, J. (2016). Proposal and application of exercise continuity support system focusing on photowalking and SNS. *Journal of Information Processing Society of Japan*, 57(1), 294–304. <https://ci.nii.ac.jp/naid/170000130830/en/>
- Jōsō City. (2024). *Population and number of households in Jōsō City (permanent population)*. [https://www.city.joso.lg.jp/kurashi\\_gyousei/shisei/intro/toukei/page001039.html](https://www.city.joso.lg.jp/kurashi_gyousei/shisei/intro/toukei/page001039.html)
- Kuc, K., & Zylinska, J. (2016). *Photomediations: A reader*. Open Humanities Press.
- Latham, A. (2003). Research, performance, and doing human geography: Some reflections on the diary-photograph, diary-interview method. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 35(11), 1993–2017. <https://doi.org/10.1068/a3587>
- Liebenberg, L. (2018). Thinking critically about photovoice. *International Journal of Qualitative Methods*, 17(1), 1–11. <https://doi.org/10.1177/1609406918757631>
- Mainsah, H., & Sanchez Boe, C. (2019). Tracing the border crossings of forced migrants in Paris' 18th arrondissement: Exploring a photo-walk method. In K. Horsti (Eds.), *The politics of public memories of forced migration and bordering in Europe* (pp. 121–138). Palgrave Macmillan. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-30565-9\\_8](https://doi.org/10.1007/978-3-030-30565-9_8)
- Matsumoto, K., & Okumura, A. (2019). ブラジル移民のコイネー形成—創始者効果と方言接触理論の検証. *The Japanese Journal of Language in Society*, 22(1), 249–262. [https://doi.org/10.19024/jajls.22.1\\_249](https://doi.org/10.19024/jajls.22.1_249)
- McKenzie, J. (2014). *Light and photomedia*. Routledge.
- McLeod, G. (2019). Rephotography for photographers: Discussing methodological compromises by post-graduate online learners of photography. *Journal of Visual Literacy*, 38(1–2), 22–45. <https://doi.org/10.1080/1051144X.2018.1564606>
- Middleton, J. (2011). Walking in the city: The geographies of everyday pedestrian practices. *Geography Compass*, 5(2), 90–105. <https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2010.00409.x>
- Napolitano, V. (2015). Anthropology and traces. *Anthropological Theory*, 15(1), 47–67. <https://doi.org/10.1177/1463499614554239>
- Ocada, F. K. (2003). Migração e trabalho no mundo contemporâneo: Uma experiência acerca da migração de kassegui. *TRAVESSIA: Revista do Migrante*, 16(45), 37–41. <https://doi.org/10.48213/travessia.145.806>
- Paulo, V. de S. (2006). A migração como expansão da realidade e renovação das culturas. *Flusser Studies*, 3, 1–13.
- Pinheiro, N. (2018). Discursos cruzados: Memória e arquivo, individual e coletivo. *Vista*, (2), 127–147. <https://doi.org/10.21814/vista.3011>
- Pink, S. (2007a). *Doing visual ethnography*. SAGE. <https://doi.org/10.4135/9780857025029>
- Pink, S. (2007b). Walking with video. *Visual Studies*, 22(3), 240–252. <https://doi.org/10.1080/14725860701657142>
- Pink, S. (2011). Multimodality, multisensoriality and ethnographic knowing: Social semiotics and the phenomenology of perception. *Qualitative Research*, 11(3), 261–276. <https://doi.org/10.1177/1468794111399835>
- Pyry, N. (2016). Learning with the city via enchantment: Photo-walks as creative encounters. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 37(1), 102–115. <https://doi.org/10.1080/01596306.2014.929841>

- Pyry, N. (2018). From psychogeography to hanging-out-knowing: Situationist *dérive* in nonrepresentational urban research. *Area*, 51(2), 315–323. <https://doi.org/10.1111/area.12466>
- Rae, J., Abbott, M., & Bowring, J. (2017). Walking as inquiry. *Landscape Research Record*, (6), 226–237.
- Rappaport, J. (2020). *Cowards don't make history: Orlando Fals Borda and the origins of participatory action research*. Duke University Press.
- Sadler, S. (1998). *The situationist city*. The MIT Press.
- Shintani, R. (2008). The Nikkei community of Peru: Settlement and development. *Ritsumeikan Studies in Language and Culture*, 18(3), 79–94.
- Stern, G., & Falbel, A. (2023). Notes on photomontage. *Les Cahiers de la Recherche Architecturale, Urbaine et Paysagère*, (18), 1–8. <https://doi.org/10.4000/craup.13004>
- Takenaka, A. (2004). The Japanese in Peru: History of immigration, settlement, and racialization. *Latin American Perspectives*, 31(3), 77–98.
- Tsuda, T. (2004). No place to call home. *Natural History*, 113(3), 50–55.
- Wang, C., & Burris, M. A. (1997). Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*, 24(3), 369–387. <https://doi.org/10.1177/109019819702400309>
- Zylinska, J. (2010). On bad archives, unruly snappers and liquid photographs. *Photographies*, 3(2), 139–153. <https://doi.org/10.1080/17540763.2010.499608>

## NOTA BIOGRÁFICA

Marita Ibañez Sandoval é uma investigadora e artista visual peruana radicada no Japão. Possui doutoramento em Arte e mestrado em Design Kansei pela Universidade de Tsukuba, bem como licenciatura em Belas-Artes pela Pontifícia Universidade Católica do Peru. A investigação desenvolvida incide sobre migração, paisagem, métodos visuais participativos e literacia visual, com particular atenção às comunidades latino-americanas no Japão. Analisa de que modo práticas visuais colaborativas, incluindo fotocaminhadas e fotomontagem, configuram experiências de pertença, memória e negociação espacial. O trabalho foi apresentado e exposto na América Latina, na Europa e na Ásia. Assegura, desde 2022, a gestão do estúdio fotográfico e dos laboratórios de revelação da Universidade de Tsukuba, contando com mais de uma década de experiência de docência universitária no Peru e no Japão.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6341-7757>

Email: [maritaibanez@gmail.com](mailto:maritaibanez@gmail.com)

Morada: University of Tsukuba, School of Art and Design, Institute of Art and Design, 3-1 Amakubo, Tsukuba, Ibaraki 305-0005 Japan

**Submetido: 23/01/2026 | Revisto: 18/02/2026 | Aceite: 23/03/2026**



*Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.*